

---

## **A Rede GatoMÍDIA: comunicação, tecnologia e aprendizado para a cidadania<sup>1</sup>**

Ingrid Odete MATHIAS<sup>2</sup>  
Camila Rodrigues PEREIRA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### **RESUMO**

Este artigo tem como temática a comunicação e o aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania, tendo como objeto de estudo a Rede GatoMÍDIA - que atua como uma Rede Agência e metodologia de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras, moradores de favelas do Brasil. O objetivo do artigo se configura em analisar a importância do aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras das periferias brasileiras exercerem a cidadania. A abordagem metodológica da pesquisa é a etnografia, com a utilização de entrevistas em profundidade e observação participante. Teoricamente o artigo discorre sobre comunicação, mídia e tecnologia, refletindo sobre a teoria crítica racial. Como principais resultados a análise demonstra a importância que o aprendizado em mídia e tecnologia, de modo afrocentrado, tem na vida de jovens pretos de periferias e como ela pode transformar visões e colaborar com a manutenção da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Tecnologias; Cidadania; Aprendizado em Rede; GatoMÍDIA.

### **INTRODUÇÃO**

Em artigo publicado na Agência Lupa, a primeira especializada em *fact-checking* do Brasil, no dia 20 de novembro em 2019, o percentual da população Brasileira que se autodeclara negra, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é 56,10%. O país contém 209,2 milhões de habitantes, 19,2 milhões se constituem por pretos e 89,7 milhões pardos (LUPA, 2019).

No artigo 1º, inciso V, do Estatuto de Igualdade Racial, os negros são o “conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Graduada no Curso de Relações Públicas pela UFSM. E-mail: ingridodete@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Substituta do Curso de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Pampa. Doutora em Comunicação (UFSM). E-mail: rpereiracamila@gmail.com.

---

(BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010). Os negros e negras da sociedade brasileira caracterizam a maioria da população, no entanto, a representação dessas pessoas em setores da sociedade como ensino superior e cargos de chefia não são equivalentes a porcentagem. Os dados do último Índice de Inclusão Racial Empresarial (IIRE) revelaram a ocupação dos negros em 4,7% dos quadros de executivos e 6,3% nos cargos de gerência (CORREIO BRAZILIENSE).

A PretaLab, iniciativa do Olabi<sup>4</sup> lançada em março de 2017, com o objetivo de “estimular a inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias” (PRETALAB), coletou e organizou dados de estudos e pesquisas, junto a ThoughtWorks<sup>5</sup>, para entender a diversidade que os profissionais de tecnologia têm no país, resultando na pesquisa #QUEM CODABR<sup>6</sup>. A pesquisa realizada entre 2018 e 2019 retratou dados sobre a representação dos profissionais de tecnologia no Brasil. “Segundo a pesquisa, as pessoas que trabalham em tecnologia no país são, principalmente: homens, brancos, jovens de classe sócio-econômica média e alta que começaram a sua trajetória nos centros formais de ensino” (PRETALAB). 68% dos profissionais na tecnologia são homens e 31% mulheres, com o viés racial aplicado 58,3% são brancos e 36,9% pretos.

Com os dados indicados, é possível ter suporte para afirmar a importância das ações do objeto de estudo, a GatoMÍDIA - que atua como uma agência e rede de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras, moradores de favelas e periferias do Brasil -, e da temática deste artigo, que contempla os estudos de comunicação e aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania.

Este trabalho parte de um estudo maior, realizado como monografia do curso de Relações Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria, defendido em fevereiro de 2023. Desde o início da graduação sempre realizei os trabalhos das disciplinas com o olhar crítico racial, social e econômico; tinha isso como dever social por estar ocupando um espaço do saber. A consciência do dever social entrou comigo na universidade pública e no fim da graduação tive a honra de construir uma pesquisa com a visibilidade de narrativas negras e periféricas brasileiras. O lugar de fala que ocupo na sociedade

---

<sup>4</sup> Organização social que trabalha para democratizar a produção da tecnologia (PRETALAB).

<sup>5</sup> Consultoria global de tecnologia que integra estratégia, design e engenharia de software para habilitar empresas e organizações disruptivas em todo o mundo a prosperar como negócios digitais modernos (THOUGHTWORKS).

<sup>6</sup> Dados disponibilizados no site <<https://gente.globo.com/estudo-quem-coda-br/>> Acesso em: 05/08/2021.

---

incentivou a realização desta pesquisa, pois enquanto mulher, negra, lésbica, moradora da periferia, graduada em Relações Públicas e participante do “Laboratório Comunicadores do Futuro” da Rede GatoMÍDIA, no primeiro semestre de 2020, desenvolver uma pesquisa que aborda “Comunicação e Aprendizado em Mídia e Tecnologia para a Cidadania” move a minha atuação de ação pessoal e coletiva com o compromisso social nos espaços que ocupo.

O objetivo do presente artigo se configura em analisar a importância do aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras das periferias brasileiras exercerem a cidadania. A abordagem metodológica da pesquisa é a etnografia, fundamentada nas teorias de Hine (2015) e Travancas (2011), com a utilização de entrevistas em profundidade e observação participante, abordadas a partir de referências como Duarte (2011) e Peruzzo (2011). A observação participante aconteceu no período em que fiz parte da Rede no primeiro semestre de 2020, e dos meses de maio a novembro de 2021, através das redes oficiais da GatoMÍDIA e grupos do *WhatsApp* com outros participantes da Rede.

O artigo está organizado em quatro seções, a primeira sobre a Rede GatoMÍDIA, com os textos construídos a partir de seu site e de uma entrevista com a coordenadora e fundadora da Rede, em diálogo com os estudos de Joice Berth (2019). As temáticas comunicação, mídia e tecnologia são desenvolvidas em um segundo momento teórico, refletindo sobre tecnologia e a teoria crítica racial apoiada nos estudos de Benjamin (2019), Almeida (2018) e Silva (2019). A terceira seção do artigo é destinada à abordagem teórico-metodológica da pesquisa: a etnografia. Por fim, como quarta seção, a análise produzida é apresentada.

## 1. A REDE GATOMÍDIA

Esta seção do artigo apresenta o objeto de estudo da pesquisa, a GatoMÍDIA, contextualizando suas ações com o conceito de empoderamento de Berth (2019). Para maior aproximação das narrativas que constroem a Rede, foi realizada uma transcrição da entrevista com a coordenadora e fundadora da GatoMÍDIA, concedida a conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/SDGaction/status/1322194945554452481>> Acesso em: 03/02/2021.

---

A GatoMÍDIA “tem como objetivo estimular jovens, negros e mulheres a produzir sua própria comunicação, contando outras histórias e se conectando com o Mundo” (GATOMÍDIA). Além de “pulverizar conhecimento e preparar jovens para o mercado de trabalho, a Rede os estimula a recriar suas realidades e almejar futuros melhores, voltando os olhos para a ancestralidade” (GATOMÍDIA).

Thamyra Thâmara, Jornalista, Roterista, Produtora de Narrativas 360º/ Cinema 360º e Coordenadora geral da GatoMÍDIA, define a Rede, em uma entrevista no ano de 2020, como “Um espaço de aprendizado em mídia e tecnologias, voltado para jovens negros de favelas do Rio de Janeiro”. Na bio do *Twitter* a Rede se apresenta como “Agência e rede de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e moradores de favelas”.

A GatoMÍDIA conta com uma rede que passa dos 130 colaboradores, atuando desde 2013 no Complexo do Alemão, um conjunto de 14 favelas, com uma população de mais de 240 mil habitantes. O espaço de aprendizagem que a fundadora da Rede relata, em entrevista, reflete sobre qual o papel ocupado pelos comunicadores e criadores de imagem, para o futuro que está sendo construído hoje no presente. A fundadora da GatoMÍDIA levanta questões em entrevista concedida à conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU): que imagem comunicacional está sendo construída? Quem está construindo imagem sobre quem?

A GatoMÍDIA atua em duas frentes, a primeira de aprendizado, com a experimentação, inspiração, prática e criação, e a segunda através da oportunidade construída a partir da agência de comunicação com foco nas classes C e D. A Rede quebra o código da comunicação e tecnologia existente e proporciona a acessibilidade entre os jovens negros a essas tecnologias, além de possibilitar o ingresso, desses jovens, no mercado de trabalho. A GatoMÍDIA opera nas áreas de tecnologia, inovação e comunicação.

A colaboração para o fortalecimento da pluralidade e de espaço de aprendizado em rede é exposto no site da GatoMÍDIA como necessário para fomentar a diversidade e a diferença nas principais áreas de atuação dos jovens profissionais de comunicação e de mídias digitais, constituindo autonomia e consciência crítica com foco na mudança da “estrutura, estética, aplicações e utilizações das novas tecnologias digitais e virtuais” (GatoMÍDIA, 2021). A conscientização do protagonismo de jovens negros e

---

negras, que sofrem com os problemas sociais da sociedade, para a equipe da GatoMÍDIA, é essencial, pois “a mídia corporativa, a ciência e a tecnologia não são neutras e refletem os interesses de uma sociedade profundamente racista e elitista” (GatoMÍDIA, 2021).

A teoria do empoderamento é apresentada no livro "Empoderamento" de Joice Berth (2019), tendo como precursor Paulo Freire, com a teoria da conscientização. Joice expõe um trecho de Freire, em que destaca a importância da libertação ser um ato social: se o sentimento de liberdade não for social, capaz de transformar a sociedade, o exercício da liberdade é individualista; a transformação social necessita, também, da percepção crítica da realidade, a conscientização é social e coletiva (BERTH, 2019).

Dialogar a teoria do empoderamento com as ações da GatoMÍDIA é essencial para entender a transformação social que a Rede atua junto de seus participantes, pois a Rede pensa em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo com a produção de conteúdo hegemônica (BERTH, 2019), entretanto é importante destacar que o “empoderamento é um processo e não um fim em si mesmo” (BERTH, 2019, p. 46). O empoderamento, segundo Berth (2019, p.42) “é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos”. A autora ainda afirma que “empoderamento é instrumento de emancipação política e social” (BERTH, 2019, p. 18). Berth entende a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática como ação revolucionária e compreende que “os oprimidos devem empoderar-se entre si [...] o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro” (BERTH, 2019, p. 19).

A Rede surgiu e é importante por acreditar que a tecnologia não é neutra, o algoritmo não é neutro, e quem está construindo o algoritmo e produzindo a tecnologia, por trás da máquina, são homens, héteros, brancos da elite em sua maioria. Olhando para esse contexto, a missão da Rede é democratizar o acesso à produção da tecnologia a partir de diferentes olhares e olhares diversos (THÂMARA, Thamira entrevista concedida a Campanha de Ação ODS da ONU, Out 2020). Com o mundo cada vez mais virtualizado, democratizar o acesso a tecnologia é possibilitar a participação ativa de grupos e vivências contra hegemônicas, colocando em diálogo a

---

pluralidade da sociedade.

Ao olhar para a mídia e tecnologia sem a neutralidade, é possível enxergar a importância das ações promovidas pela GatoMÍDIA, pois garante a produção de conteúdos feitos por pessoas diversas, sendo elas mulheres, pessoas trans, negras e periféricas, desenvolvendo a criação a partir da sua visão de mundo, com as suas vozes, deixando de realizar as mesmas produções problemáticas do mundo moderno com estrutura capitalista, patriarcal e racista.

## **2. COMUNICAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA COM VIÉS RACIAL**

Ruha Benjamin (2019), socióloga e professora do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Princeton, explora, no livro ‘Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code’ (em português, Raça Depois da Tecnologia: ferramentas abolicionistas contra o Novo Jim Code), uma abordagem mais justa e equitativa para a tecnologia. Ruha cita Mariame Kaba, ativista e educadora, para sustentar a afirmação de que a “realidade é algo que criamos juntos” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.). Benjamin destaca que a realidade que herdamos é de sofrimento e injustiça e que é hora de reinventar o que é possível (BENJAMIN, 2019).

Ainda na obra “Raça Depois da Tecnologia”, Benjamin (2019) utiliza uma abordagem híbrida de dois campos de estudos, os estudos críticos raciais e os sistemas sócio-técnicos, para duas observações importantes: a primeira é que qualquer ordem social é impactada pelo desenvolvimento tecnológico; e a segunda é que as normas sociais, ideologias e práticas são uma parte constitutiva da projeção técnica (BENJAMIN, 2019). O racismo, para a autora, é “um conjunto de tecnologias que geram padrões de relações sociais, e estas se tornam caixa-preta como naturais, inevitáveis, automáticas” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

O livro “O que é racismo estrutural?”, de Silvio Almeida (2018), expõe a controvérsia da etimologia do termo raça, e liga o termo “ao ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2018, p. 19). Em meio às grandes discussões de diferentes pesquisadores foi possível chegar à conclusão de que o termo dado para a raça não é de fato um termo fixo, pois o seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado, ou seja, é moldado de acordo com as modificações nas sociedades e

---

das mudanças nas relações de poder. Para Almeida (2018, p.19) “[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas”.

O autor aborda o fato da raça ser um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico (ALMEIDA, 2018). Ao considerar a raça um fator político de extrema importância, é possível olhar e perceber que ela é usada para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários. Almeida conceitua racismo estrutural como:

[...] uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018, p.38).

Em “Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: Conexões contra a dupla opacidade”, Tarcízio Silva (2019) defende que a Teoria Racial Crítica (TRC) é uma estrutura teórica interdisciplinar contra os discursos hegemônicos, que possibilita o pensamento crítico social sobre a tecnologia e questões raciais na sociedade (SILVA, 2019, p. 1-2). Os proponentes da TRC apresentam o poder das contra-narrativas como um caminho para oposição ao fazer científico que prega a neutralidade “enquanto representava apenas interesses de uma elite limitada” (SILVA, 2019, p. 2). O autor cita Brenda J. Allen para destacar a identificação dos pontos da TRC na Comunicação, onde a teoria dos campos hegemônicos “geralmente não mergulha nas dinâmicas raciais de poder. Além disto, raramente menciona racismo de modo a explicitamente analisar questões de níveis macro” (ALLEN, 2007, p.260, trad. livre, apud SILVA, 2019, p.12).

O autor expõe que a “perspectiva interseccional nasceu na interface entre Teoria Crítica Racial e estudos feministas a partir de uma proposição de Kimberlé Crenshaw (1989)” (SILVA, 2019, p. 6). Elucidando o pensamento de Crenshaw, Carla Akotirene, no livro “Interseccionalidade”, levanta a questão de a interseccionalidade permitir “enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

---

Tarcízio Silva cita Kimberlé Williams Crenshaw (2012) para destacar que a interseccionalidade é essencial para entender como o capitalismo se transforma para manter a estrutura de subordinação e as coincidências entre gênero, classe, globalização e raça (SILVA, 2019). Akotirene discorre sobre a interseccionalidade permitir às feministas criticidade política para “compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (AKOTIRENE, 2018, p. 24).

Kimberlé Crenshaw conceituou interseccionalidade como “a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (AKOTIRENE, 2018, p. 42-43), de modo a sintetizar especificamente o jeito que o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades que estruturam as posições sociais. Além disso, Akotirene reflete que “a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (AKOTIRENE, 2018, p. 42-43).

João Araújo, coordenador pedagógico e um dos fundadores da Rede GatoMÍDIA, em entrevista para esta pesquisa, cita Thamyra Thamara, fundadora da Rede, para afirmar que “tanto a comunicação, como a tecnologia não são neutras”. Ele percebe a relação distante da comunicação para a maioria dos jovens negros das periferias, e atua para aproximar e apropriar esses jovens utilizando a comunicação nos espaços digitais. A ação de desmistificação está presente nos primeiros encontros que a GatoMÍDIA executa para colaborar para a comunicação sobre o aprendizado em mídia e tecnologia. Descobrir como funciona, auxilia no questionamento dos jovens sobre para quem as grandes mídias no Brasil estão a serviço. As mensagens produzidas e que circulam nas mídias e redes digitais são carregadas de interesses corporativos e o entendimento dos jovens sobre a possibilidade de colocar as pautas, desejos, sonhos e potencialidades dentro do conteúdo comunicativo, parte do aprendizado aproximado para a apropriação.

Tarcízio Silva (2019), em diálogo com Daniels, Nkonde e Mir (2019), revela a comunicação como objeto e fim que se tecem no olhar da teoria, dado que os ambientes digitais ocupam local fundamental para “disputas de narrativas [...] dos

---

ativismos e participação digitais e também do resgate de história, dados e informações ou, ainda, promoção de literacias digitais na interface com a educação” (SILVA, 2019, p.12). O autor também dialoga com Kim Gallon para exibir uma “tecnologia do resgate”, definição de Gallon para sugerir um olhar afrocentrado sobre as humanidades digitais. Gallon (2016, n.p), citada por Silva (2019), afirma que os esforços de “trazer a humanidade plena de pessoas marginalizadas através do uso de plataformas e ferramentas digitais” aproximam projetos e humanidades digitais.

As discussões realizadas nesta seção teórica permitem a reflexão sobre a construção de uma internet acessível e aproximada de realidades sociais diversas para a construção de uma sociedade em rede democrática e com responsabilidade social. Os estudos sobre a Teoria Racial Crítica viabilizam o olhar para outros futuros sociais, onde as narrativas de pessoas negras não sejam elaboradas pelo mercado corporativo. As Políticas Públicas e a Comunicação Digital precisam caminhar ao lado das reivindicações dos movimentos sociais para que tenham impacto social de forma estrutural e para que assim possam contribuir para novos futuros.

### **3. UMA ETNOGRAFIA COM A GATOMÍDIA**

A organização teórico-metodológica para fazer uma pesquisa em comunicação é diversa, o campo possibilita muitas maneiras para organizar os dados produzidos. Diante de diferentes abordagens, a escolha para estruturar esta pesquisa foi a etnografia. Isabel Travancas (2011) enquadra a etnografia como um método de pesquisa qualitativa e empírica, colocando o trabalho de campo do pesquisador como parte da estrutura metodológica.

A experiência do trabalho de campo, apresentada neste trabalho, se deu por meio da participação ativa no campo, como integrante da primeira fase do “Laboratório Comunicadores do Futuro”<sup>8</sup> no mês de agosto de 2020. Com o mundo em Pandemia de COVID-19, no ano de 2020, a metodologia do curso foi mediada pelas redes digitais. A sede da GatoMÍDIA tem como território o Rio de Janeiro, e com a situação sanitária

---

<sup>8</sup> Além de democratizar o acesso às tecnologias, o laboratório tem como objetivo colocar em disputa princípios que beneficiam a cultura ocidental hegemônica, com estrutura colonizadora, escravocrata e patriarcal “que sequestrou o legado da filosofia, ciência e tecnologia dos povos ancestrais” (GatoMÍDIA, 2021).

---

global, as inscrições para o curso abriram para o Brasil, possibilitando o meu contato e de muitos outros jovens negros e negras das periferias Brasileiras com a Rede GatoMÍDIA.

O contato com a GatoMÍDIA fez com que a minha visão sobre a tecnologia se ampliasse; consegui enxergar possibilidades com a ciência tecnológica, partindo das produções periféricas e ancestrais, deslocando o pensamento hegemônico do centro e trazendo o olhar afrocentrado. A experiência etnográfica apresentada nesta pesquisa partiu do movimento, do meu deslocamento em relação à sociedade em que estou inserida (TRAVANCAS, 2011).

Com base no pensamento de que a etnografia é mais que um método, Christine Hine (2015), em ‘Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday’, afirma que a etnografia permite o aprofundamento da interpretação para chegar no centro do significado e com isso entender de que maneira as pessoas dão sentido para suas vidas. A fim de introduzir o debate sobre as mediações das comunicações, causadas pela internet, Hine (2015) afirma que os pesquisadores precisam se apropriar das comunicações mediadas, pois as pessoas que estão sendo analisadas estabelecem de forma significativa as suas interações em torno das mediações da comunicação.

A Internet, nas palavras de Hine (2015), “é diversa, flexível e heterogênea e, portanto, exige uma resposta metodológica adaptativa e situada” (HINE, 2015, tradução nossa, p.13). A autora constata que os aspectos da internet são fenômenos culturais importantes para documentar com o fazer etnográfico, e conclui que a internet precisa da etnografia para descobrir os seus significados e como ela pode alterar nossas noções contemporâneas de subjetividade, personalidade e sociabilidade.

Posto isso, discorro sobre como a observação participante e as entrevistas em profundidade se deram neste contexto, pandêmico e digital. A observação participante iniciou no período em que fiz parte da Rede - em 2020 - e no período de maio a novembro de 2021, através das redes oficiais da GatoMÍDIA e grupos do *WhatsApp* com outros participantes da rede. Essa observação se faz um instrumento importante em etnografias, para que seja possível produzir dados a partir do que é observado. De acordo com Cicilia Peruzzo (2011), com esse método o pesquisador ou a pesquisadora pode ver as coisas de dentro do grupo pesquisado, participando de suas atividades e acompanhando as situações que englobam o seu objeto de pesquisa.

---

Em relação às entrevistas em profundidade, foram realizadas entrevistas semi abertas, que de acordo com Duarte (2011) partem de um roteiro com questões que derivam do problema de pesquisa e servem como guias para o pesquisador aprofundar as questões iniciais e tratar o tema de forma ampla. O serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*, o *Google Meet*, foi escolhido para realizar as entrevistas e essas foram gravadas pelo mesmo serviço, com o consentimento das e dos entrevistados. A escolha da videoconferência ocorreu devido à distância do território das e dos entrevistados e a Pandemia global do coronavírus (COVID-19).

Para participar das entrevistas em profundidade, foram escolhidos sete jovens, pela sua participação nos projetos da GatoMÍDIA e por serem de diferentes regiões do país - as cinco regiões do Brasil foram contempladas na pesquisa. O contato com eles e elas se deu através do *WhatsApp* e do *Instagram* e alguns foram a partir de indicações. Os nomes atribuídos aos jovens interlocutores - que aparecem na seção seguinte do artigo - são fictícios, para preservar suas identidades. As entrevistas ocorreram de novembro de 2021 até o mês de junho de 2022.

#### **4. COMUNICAÇÃO DE DENTRO PARA DENTRO: CONEXÃO E CIDADANIA**

Nesta seção do artigo apresentamos a análise com base nas entrevistas em profundidade realizadas e a partir da observação das redes da GatoMÍDIA. A pesquisa contou com a participação de jovens de diferentes idades e de distintas regiões do país: Adelaide, mulher cis, com 27 anos, da Bahia; Milan, 26 anos, mulher cis, do Piauí; Andaro, uma pessoa trans não binária, de 23 anos e do Rio de Janeiro; Pedro, homem cis, 27 anos, do Maranhão; Maria, mulher cis, bissexual, de 32 anos, residente do interior do estado de Rondônia; Glorio, homem cis, gay, mineiro, residente no Mato Grosso, de 31 anos; Yuri, um homem negro trans, morador da cidade de Novo Hamburgo - RS. Os participantes da pesquisa possuem diferentes ocupações e todos se identificam como pessoas negras.

A tecnologia esteve presente na vida dos participantes da pesquisa antes de conhecerem a GatoMÍDIA, mas o contato com a Rede aproximou o conteúdo técnico da realidade do cotidiano dos jovens. Isso contribuiu para a apropriação das ferramentas e abertura de novos caminhos geridos pelas tecnologias digitais. A

---

importância do conhecimento tecnológico, de forma aproximada, pode ser destacada de diversas formas: pode significar um emprego melhor, uma renda maior, um empoderamento digital e tecnológico ou a afirmação de ser possível trabalhar e pensar com a tecnologia.

Antes de conhecer a GatoMÍDIA, a relação de Adelaide com a tecnologia e mídia era muito diferente, a interlocutora comenta que a perspectiva racial de como foram abordados os temas fez com que ela se sentisse bem incluída. As abordagens deles eram bem diferentes das experiências que já tinha passado em relação ao aprendizado em mídia e tecnologia. Com a GatoMÍDIA ela se sentiu mais aberta, criativa e propositiva para criações dentro da mídia. Ela usa a palavra impulsionada para descrever seu sentimento de pertencimento, sendo entendida e entendendo o que eles estavam passando para ela. Já Milan, que participou do Laboratório Comunicadores do Futuro da Rede, afirma que passou a se apropriar da tecnologia e acreditar que é possível realizar produções em realidade virtual, mesmo sendo de uma família sem muita estrutura financeira. Ela menciona que no Piauí não existem filmes em Realidade Virtual e, caso consiga financiamento, sua produção será a primeira.

Ao serem questionados sobre o aprendizado em rede, os interlocutores compartilham: Adelaide cita que é potencializar o conhecimento e difundir. Ela comenta que se ficamos fechados nos núcleos não estamos nos aquilombando, e a transmissão para diversos lugares, olhares e pessoas é muito importante. Milan conclui que o que faz o processo de aprendizagem acontecer é estar em Rede. A interlocutora diz que se não fosse isso não teríamos acesso. Com a GatoMÍDIA ela aprendeu técnicas que proporcionaram a escrita de um roteiro em VR (Realidade Virtual), por exemplo, e se conseguir tempo e dinheiro para se dedicar, ela acredita que consegue rodar o filme em Realidade Virtual. Ela aprendeu tecnicamente como fazer um filme em VR e que precisamos nos apropriar mais das tecnologias que não foram tão popularizadas e recontar ou contar as nossas histórias por meio delas. Para a vida e relações da interlocutora, a GatoMÍDIA contribuiu com as conexões, que são fruto do aprendizado e rede, mas que vão para o trabalho, no sentido de como podemos nos manter com o audiovisual tentando estruturar os projetos para conseguir financiamento.

Milan se refere às pessoas que coordenam a GatoMÍDIA como referências por serem pretas, trabalhando e se mantendo fazendo o que acreditam. Ela diz que ver

---

essas pessoas dá um fôlego para ter esperança que pode se manter com as áreas da arte. A interlocutora destaca ainda que o tempo para se dedicar e a didática da GatoMÍDIA facilitaram o seu aprendizado em mídia e tecnologia. Milan fala que a didática de trazer assuntos complexos e técnicos a partir do afrofuturismo, facilitou o aprendizado por partirem de um lugar que a gente também quer acessar, com conexões com as nossas origens, enquanto pensadores contemporâneos do afrofuturismo.

Pedro olha para o aprendizado em rede e faz a ligação com a coletividade. A partir da troca com a GatoMÍDIA outros horizontes sobre tecnologia e mídias sociais foram abertos para ele. Estudar ancestralidade e teorias decoloniais tornou a sua percepção sobre o assunto mais diversa e pluriversal. A desconstrução do olhar e a busca por novas perspectivas, contribuíram para a sua vida no geral.

A GatoMÍDIA, na visão de Maria, consegue criar a relação com a tecnologia e a realidade e contexto da juventude negra. As relações metodológicas e a aposta na linguagem aproximada para comunicar o conteúdo técnico, facilitou o aprendizado em mídia e tecnologia da interlocutora.

Sobre o questionamento acerca da contribuição do aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania, Adelaide diz que contribui para o entendimento sobre si e compreensão sobre quais são os deveres e os lugares para ocupar, desenvolvendo questões, pessoas, possibilidades e lugares para jovens negros estarem presentes. Para Milan a contribuição é o reforço das disputas e espaços que temos e que é reafirmado que devemos ocupar, mas acredita que o lugar da cidadania é legitimado no laboratório. A interlocutora destaca que praticamente todos os realizadores que entraram no projeto já tinham a noção de acesso a políticas públicas, de ocupar melhor o lugar onde se vive e o laboratório conecta essas pessoas que estão fazendo isso em vários lugares, dando acesso a realidades diversas. A participante da pesquisa conclui que o Laboratório que participou, estimula a conexão de diferentes formas de exercer a cidadania.

O aprendizado em rede, para os participantes da pesquisa, está ligado a possibilidades e conexões que potencializam o conhecimento e difundem saberes, visando a coletividade. A GatoMÍDIA facilitou o aprendizado dos participantes por partir de uma realidade compartilhada, a realidade preta e favelada. A tecnologia e a sua relação ancestral foram destaques das entrevistas, os participantes apontaram ela como reforço para a apropriação. É muito importante ter propriedade e saber de onde

---

viemos para a reconstrução do futuro. A ancestralidade faz parte do afrofuturismo e esse resgate é de extrema importância para pensar o agora e planejar o futuro. Ao serem questionados sobre a contribuição do aprendizado em mídia e tecnologia para o exercício da cidadania, Milan conclui que o Laboratório que participou estimula a conexão de diferentes formas de exercer a cidadania, ou seja, fomenta o aprendizado em Rede.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a área da Comunicação o tema do artigo é relevante, pois assim como a tecnologia, a comunicação não aborda questões raciais como estruturantes dos produtos comunicacionais. Neste trabalho, ainda, tivemos vozes de todo o Brasil, sinalizando que a comunicação faz toda a diferença, tanto no produto final como também na forma como é pensada e transmitida. A comunicação possibilita o acesso a outros direitos como o da informação, educação e trabalho, e o objeto de estudo do artigo exemplifica isso. Com as ações da GatoMÍDIA o jovem negro ou negra participante tem acesso ao aprendizado para futuramente ingressar no mercado de trabalho qualificado e com pensamento crítico, para assim projetar tecnologias acessíveis para pessoas diversas.

A realização desta pesquisa assegura a pluralidade das vozes da sociedade, além de contribuir com futuros estudos sobre a mídia e tecnologia para a cidadania. Na academia a utilização de autores negras e negros em trabalhos científicos é escassa, impossibilitando a diversidade do conhecimento e a representatividade de acadêmicos negras e negros. Nesse sentido, o presente artigo foi construído com base na raça e classe, assegurando a presença de autoras e autores negros para o diálogo sobre mídia e tecnologia para a cidadania.

As discussões teóricas sobre tecnologia e raça deram suporte para as colocações dos interlocutores, concluindo que o debate é essencial para pensar uma sociedade democrática. A análise demonstra a importância que o aprendizado em mídia e tecnologia tem na vida de jovens pretos de periferias e como ela pode transformar visões e colaborar com a manutenção da cidadania. A comunicação da Rede, que consiste na troca de experiências e parte da favela, para a favela e com a favela, atua para o aprendizado em mídia e tecnologia de forma contextualizada, de acordo com a realidade vivida pelos jovens das periferias. Essa comunicação “de dentro para dentro” foi destaque da observação e das entrevistas em profundidade,

---

todos os participantes falaram sobre a abordagem afrocentrada da GatoMÍDIA e como isso transforma o contato com o assunto técnico e suas futuras projeções.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Nathália. **Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil**. Agência LUPA, 2019. Disponível em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/?fb>>

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2018.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2018.

BENJAMIN, Ruha. **RACE AFTER TECHNOLOGY: Abolitionist Tools for the New Jim Code**. 2019. BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury Academic, 2015.

**O futuro da tecnologia do Brasil em mãos de mulheres negras**. PretaLab. Disponível em: <[https://www.pretalab.com/dados#/>/](https://www.pretalab.com/dados#/)>. Acesso em: 04 de ago de 2021.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, Tarcízio. **Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: conexões contra a dupla opacidade**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Belém, 2019.

SITE. **GatoMÍDIA**. Disponível em: <<https://gatomidia.com/>> Acesso em: 15 de maio de 2021.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.